

QUESTÕES SOBRE O INVESTIGADOR DA TRAJETÓRIA LINGUÍSTICA DA CRIANÇA*

Glória Maria Monteiro de Carvalho
Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP
gmmcarvalho@uol.com.br

RESUMO: Este trabalho consiste numa tentativa de levantar questões sobre a escuta do investigador para a fala infantil durante a trajetória linguística da criança. A partir da noção de *captura* da criança pela língua que se fundamenta no sujeito do inconsciente, foi formulada a questão norteadora do trabalho: como o investigador da aquisição da linguagem é afetado por essa concepção de sujeito, ou melhor, como a interpretação, em psicanálise, afeta o investigador em sua interpretação das manifestações verbais infantis? Para discutir essa questão, a escuta do investigador para a fala infantil foi abordada à luz do conceito psicanalítico-laciano de *lalíngua*.

PALAVRAS-CHAVES: Investigador; aquisição de linguagem; *lalíngua*.

ABSTRACT: *This work is an attempt to raise questions about the investigator's listening to the child's speech during his/her linguistic trajectory. Based on the notion of capture of the language by the child, which is centered on the subject of the unconscious, the guiding question for the work was brought about: how the investigator is affected by this conception of subject, or rather, how does the interpretation in psychoanalysis affect the investigator in his/her interpretation of children's utterances? To discuss this question, the researcher's listening to the child's speech was addressed in the light of Lacanian psychoanalytic concept of lalangue.*

KEYWORDS: *Investigator; language acquisition; lalangue.*

0.Introdução

Conforme está posto no título deste artigo, tentarei levantar algumas questões sobre a escuta do investigador para a fala da criança, em aquisição de linguagem. De início, convém enunciar que

* Este trabalho decorreu de Projeto de Pesquisa financiado pelo CNPq e foi apresentado em um GT do qual fiz parte, durante o XX InPLA – Intercâmbio de Pesquisa em Linguística Aplicada –, realizado em 11 e 12 de novembro de 2015, tendo sido ampliado de acordo com discussão desenvolvida entre os participantes do Grupo. Me filio à linha de pesquisa da trajetória linguística da criança inaugurada por Cláudia Lemos, em que se destaca a noção de *captura* da criança pela língua.

Relembro que, segundo essa autora:

Considerada sua anterioridade lógica [da língua] relativamente ao sujeito, o precede e, considerada em seu funcionamento simbólico, poder-se-ia inverter a relação sujeito-objeto, conceber a criança como capturada por um funcionamento linguístico-discursivo que não só a significa como lhe permite significar outra coisa, para além do que a significou. (Lemos, C.T., 2002: 55)

Assim, nessa linha de pesquisa, a entrada da noção de *captura*, como sendo uma noção axial, tornou incontornável, em seu interior, a presença do sujeito da psicanálise, sujeito do inconsciente. Tal presença, por sua vez, tornou incontornável também a necessidade de tirar dela consequências para o campo de estudo da trajetória linguística da criança. Tirar consequências, é isso que tentarei neste levantamento de questões que me proponho.

Inicialmente, vale notar que, face à referida presença do sujeito do inconsciente, foi preciso, usando uma expressão de Milner (1995), *importar conceitos da psicanálise* para a aquisição de linguagem. Importá-los não significou, contudo, aplicá-los à fala da criança, e sim, levantar questões ou indicar caminhos para a investigação dessa fala.

Nesta discussão, destaco uma das questões – entre aquelas que dizem respeito ao investigador –, podendo ser formulada nos seguintes termos: *como o investigador da aquisição de linguagem é afetado pela psicanálise?*

Precisando um pouco mais a questão, indago: *o que marca a escuta desse investigador, se admitimos que tal escuta foi afetada pela psicanálise, pela concepção de sujeito do inconsciente?* Isso significa, portanto, colocar em pauta a questão da interpretação.

Destaco, então, a importância de se colocar em discussão a escuta do investigador para a fala da criança, o que significa não deixar que essa escuta se naturalize, constituindo a marca da posição dos vários componentes da linha de pesquisa em foco.

Refiro-me, portanto, aos deslocamentos que ocorreram nessa escuta, sob o efeito de noções psicanalíticas, sobretudo no que se refere a propostas lacanianas. Dessas noções, recortamos, inicialmente, a questão do *saber*, com sua contraparte de *não saber*, que será tratada a seguir.

1. As noções de *saber* e de *não saber*

Do ponto de vista da psicanálise, a relação entre *saber* e *não saber* não é simples, nem evidente. Não pretendo, contudo, entrar na complexidade dessa relação; recortarei dela, apenas, alguns pontos que servirão de fundamento à abordagem das questões que foram anunciadas.

Para Lacan (1985a, p: 129), “É estranho que, antes de Descartes, a questão do saber jamais tenha sido posta.” Nesse sentido, teria sido a instituição do discurso da ciência que produziu um saber e a discussão sobre seu estatuto.

A esse respeito, faço apelo a Lebrun (1997), no que diz respeito ao surgimento do discurso da denominada *ciência moderna*: a ciência galileana. Segundo esse autor, o discurso da ciência moderna teria sido inaugurado pelo *cogito* cartesiano, no solo de uma matematização do universo, conforme concebido por Galileu. Esse ato inaugural, de acordo com Lebrun (1997), consistiria no seguinte: o procedimento que autorizou Descartes, por meio de seu *cogito*, consistiu no requisito segundo o qual o cientista deveria se apoiar apenas sobre o seu próprio pensamento, para, imediatamente, esquecer esse passo original.

Trata-se, portanto, de um passo original que, por meio do único critério válido – isto é, o critério do próprio pensamento do sujeito/enunciador – incluiu, implicou esse enunciador nos seus enunciados, mas trouxe, como exigência suplementar, o esquecimento imediato dessa implicação. Em outras palavras, esse esquecimento consistiu no apagamento das diversas marcas do dizer, ou seja, um apagamento das diversas marcas da subjetividade, ficando apenas as propriedades supostas aos enunciados, aos ditos. Assim, os ditos, os enunciados teriam sido tratados como se fossem autógenos, e isso para que fosse promovido o desenvolvimento da ciência moderna como ciência matemático-experimental.

Por sua vez, o discurso científico, ao produzir um saber, teria produzido, ao mesmo tempo, um objeto de investigação e o seu investigador. Um objeto – com as propriedades de consistência, de estabilidade, ou mesmo de permanência – e um investigador – ou melhor, um corpo teórico e metodológico – que deveria se conceber como sendo separado do seu objeto, para que pudesse ter as condições básicas de apreender esse objeto em suas propriedades, em sua consistência.

Na perspectiva lacaniana, “para o ser falante, o saber é o que se articula.” (Lacan, 1985a: 188). Nessa perspectiva, trata-se, de *saber* e não de conhecimento ou de representação, conforme diz o autor:

O que descobrimos na experiência de qualquer psicanálise é justamente da ordem do saber, e não do conhecimento ou da representação. Trata-se

precisamente de algo que liga, em uma relação de razão, um significante S1 a um outro significante S2. (Lacan, 1992: 28).

Logo a seguir, coloca:

É em tal relação, no entanto, e justamente na medida em que ela não se sabe, que reside a base do que se sabe, do que se articula tranquilamente como um senhorzinho, como um dândi, como eu, como aquele que sabe um bocado sobre o assunto (Lacan, 1992: 28).

Poderíamos dizer, então, que o *saber* seria efeito de um *não saber*, de um saber inconsciente (ou de um saber do inconsciente). Assim, nessa perspectiva, o *não saber* não seria uma ausência de *saber*, mas um outro tipo de *saber*, isto é, um *saber que não se sabe*. Segundo Lacan (1985a: 129), "A análise veio nos anunciar que há saber que não se sabe, um saber que se baseia no significante como tal." Seria, portanto o saber do significante ou, como diz Lemos, C.T. (1991), um *saber da língua*, aquele que captura o sujeito, surpreendendo o falante. Sobre a surpresa, enuncia aquele autor:

Está claro que essa referência ao Eu (Moi) é secundária em relação a que um saber se sabe; e a novidade é que o que a psicanálise revela é um saber não-sabido por si mesmo. [...] *Se o inconsciente é algo que surpreende é porque esse saber é outra coisa, é esse saber do qual nós temos uma ideia, aliás tão pouco fundada desde sempre, posto que não é à toa que se evocou a inspiração, o entusiasmo, desde sempre, isto é, que o saber não sabido de que se trata é um saber que se articula, exatamente, estruturado como uma linguagem.* (Lacan, 1997: 17, ênfase nossa)

A relação entre o *saber* e o *não saber* do investigador, em sua escuta para a fala da criança, carrega essa complexidade que indicamos. Deve-se destacar que, no campo de estudo da linguagem, a relação entre *saber* e *não saber* que, de um modo geral, como já foi apontado, não é simples nem unívoca, torna-se ainda mais complexa, uma vez que se situa, tanto no âmbito do falante/sujeito do estudo, quanto no âmbito do falante/investigador. Trata-se, portanto, de uma relação que diz respeito, segundo a concepção de Lemos (1991), ao *saber a língua* – o do falante – e ao *saber sobre a língua* – o qual abarca categorias, regras, teorias linguísticas. Melhor dizendo, trata-se de uma relação que, na investigação, localiza-se em um ponto de cruzamento entre esses dois *saberes*, trazendo questões peculiares quando essa investigação tem lugar em aquisição de linguagem.

A fim de dar mais visibilidade ao *saber*, como uma questão, evocamos a discussão desenvolvida por Lacan (1985a) de experimentos realizados com ratos, em montagens de labirinto. Segundo o autor, quem realmente sabe, no procedimento, é o experimentador que inventa a montagem para atingir um objetivo, montagem esta que já está instrumentalizada pela palavra.

Ora, esse experimentador, é ele que, nessa operação, sabe alguma coisa e é com o que ele sabe que inventa a montagem do labirinto, dos botões e dos trincos. Se ele não fosse alguém cuja relação ao saber está fundada numa relação à língua, na habitação de alíngua, ou coabitação com, não haveria essa montagem. Tudo o que a unidade ratoeira aprende nessa ocasião é a dar um sinal, um signo de sua presença de unidade (Lacan, 1985a: 182).

Assim, um saber transformado em aprendizagem é atribuído à unidade ratoeira que, nesse quadro, apenas faz signo de sua presença na montagem. Vale notar que, nesse caso, está em discussão o *saber* de um aprendiz que não dispõe da fala. Indaga-se, contudo: *será que um questionamento semelhante não poderia ser feito em relação ao ser falante?*

Trazendo essa questão para o investigador, em sua relação com a fala da criança, podemos dizer, com fundamento em Lemos, M.T. (2006)¹ que, se há um sujeito que sabe alguma coisa, nessa relação, esse sujeito é o investigador. Em outras palavras, o saber estaria do lado do investigador que o projeta² sobre as manifestações verbais infantis, transformando-as em signos da presença da criança em sua montagem, isto é, no conjunto formado por seus métodos e propostas teóricas. Poderíamos dizer que o investigador projeta sobre a criança o seu *saber a língua* e o seu *saber sobre a língua*, os quais, entretanto, seriam efeitos do *saber da língua*.

Desse modo, o investigador da aquisição de linguagem estaria, inevitavelmente, exposto a essa armadilha: a da projeção de um saber, ou melhor, estaria correndo o risco de atribuí-lo à criança, ao escutar a fala infantil procurando identificar-lhe sentidos, categorias e regras linguísticas.

¹ Para essa autora, "um dos limites que tem sido mantido em relação ao problema do sujeito nas teorias de aquisição é a naturalidade com que se atribui essa emergência de sujeito à criança. " Pergunta, em seguida: "Não é, ao contrário, do lado do investigador que se pode apontar essa condição? " (Lemos, M.T., 2006: 60)

² A projeção, do ponto de vista psicanalítico, é concebida, em seu sentido amplo, como a "Operação pela qual um sujeito situa no mundo exterior, mas sem identificá-los como tais, pensamentos, afetos, concepções desejos etc., acreditando, por isso, em sua existência exterior, objetiva, como um aspecto do mundo. " (Chemama, 1995: 166)

Indagamos, então, *se seria possível evitar essa armadilha* ou, em outras palavras, *se seria possível, ao investigador, deslocar-se para um lugar de não saber, na sua escuta para a fala da criança*. Essa indagação aponta para uma dificuldade ou, mais ainda, para um desafio, na medida em que, conforme foi indicado antes, o estatuto de investigador se constituiu como efeito de um saber: aquele produzido pelo chamado *discurso da ciência*.

2. A escuta de *Lalíngua*

Um deslocamento inicial do investigador da aquisição de linguagem, sob o efeito da psicanálise, consistiu em tirar a escuta do sentido e transportá-la para o significante. Esse movimento de transporte, no meu entender, marca os estudos que se incluem na linha de pesquisa em que me situo, na medida em que "o outro/investigador desloca-se para o nível das relações entre significantes. (Lier-DeVitto; Carvalho, 2008: 139)

Nessa direção, coloca-se, agora, com maior força, um cuidado de não interpretar as produções verbais infantis atribuindo sentidos, ou apreendendo sentidos ocultos nessas produções. Falando sobre a técnica de interpretar na perspectiva lacaniana, Melman (1996) destaca que não se trata mais de privilegiar o sentido.

Com a consolidação da proposta lacaniana do *nó borromeu*, a formulação da noção de *letra* e a elaboração do *sinthome* – sob o efeito da obra de Joyce – ao que tudo indica, ocorreu um grande deslocamento, um *giro* na interpretação na clínica psicanalítica. Destaco a concepção lacaniana de *letra* como sendo *aquilo que se precipita do significante*. Nessa perspectiva, ao abordar a escrita na clínica, Leite (2011: 162) afirma: "O que o analista lê, então, é o que se precipita do significante como letra."

Abrindo um espaço para colocar a questão da letra, convocamos Lacan (2003: 22), por meio da seguinte citação recortada de *Lituraterra*:

O que se revela por minha visão do escoamento, no que nele a rasura predomina, é que, ao se produzir por entre-as-nuvens, ela se conjuga com sua fonte, pois é justamente nas nuvens que Aristófanes me conclama a descobrir o que acontece com o significante: ou seja, o semblante por excelência, se é de sua ruptura que chove, efeito em que isso se precipita, o que era matéria em suspensão.

Essa ruptura (que) dissolve o que constituía forma, fenômeno, meteoro [...](Lacan, 2003:22)

Convocando, assim, a figura das nuvens, considerando-as como semblante no qual ocorre uma ruptura, esse autor fala da chuva que se precipita (das nuvens) como efeito dessa ruptura.

Aproximando a imagem da chuva – que se precipita das nuvens – à interpretação, invoco Adrián Francia (2010: 21, tradução nossa), quando diz que:

Não se trata então de descobrir o sentido do que diz um analisante, mas de 'ser capturado pela literaridade sonora e fazer que isso ressoe' (Brancion, 1995, 65). [...] Dar lugar ao equívoco é dar exercício ao que pertence a *lalíngua*. (Adrián Francia, 2010:21)

Por meio da expressão "captura pela literalidade", indica-se, portanto, que a letra – as suas ressonâncias ou os chamados *jogos de escritura* – implica a *lalangue*³ (*lalíngua*) que abordaremos a seguir.

Nesse sentido, a escuta psicanalítica seria marcada por *lalíngua* que, segundo Milner (2012), denomina o lugar dos equívocos, isto é, a existência, em toda língua, de um registro que a condena ao equívoco. Assim, toda língua encerra tal predicado, na medida em que contém a matéria-prima para acusar imprecisões e provocar equivocidades e mal-entendidos. Para esse autor, a língua materna consiste na mais direta figuração da *lalíngua*. Lacan (1985b) pontua que um sujeito de linguagem recebe *lalíngua* diretamente de sua mãe, ou de quem cumpre tal função, e que há uma inegável mediação da materialidade implicada na língua materna em tal operação. Diz o autor:

Esse dizer provém apenas do fato de que o inconsciente, 'por ser estruturado *como uma* linguagem', isto é, como a *lalíngua* que ele habita, está sujeito à equivocidade pela qual cada uma delas se distingue. Uma língua entre outras não é nada além da integral dos equívocos que sua história deixou persistirem nela. (Lacan, 2003: 492)

Estamos falando, portanto, da escuta de *lalíngua* através dos significantes da língua, ou melhor, da escuta dos sons dos significantes de uma língua e das articulações/associações entre esses sons. Ao falar sobre *lalíngua*, Souza (2008: 108) diz que "Com suas rimas e aliteraões é um tipo de 'lalação' que precocemente se instala entre o *infans* e o outro materno". Convoco, então, Harari, citado por Lemos, M.T., em nota de rodapé: "Em resumo, o aperfeiçoamento da linguagem, iniciado por Joyce, radica em 'saber jogar com a escritura'

³ *Lalangue* é um termo inventado por Lacan (1997) decorrente de um lapso. Ao se referir ao *Vocabulário de Psicanálise* de Lagache, Lacan diz *Vocabulário de Filosofia* que foi escrito por Lalande, sendo então produzido *lalangue*. Nessa invenção é de fundamental importância a semelhança sonora entre *lalangue* e *lalation*.

e não em ler de uma infinidade de maneiras". (Harari, 2008: 32, apud Lemos, M.T., 2015: 185). Trata-se, portanto, do ato de jogar com a materialidade fônica da palavra, o que permitiu a Lacan nos fornecer tantos exemplos, como aqueles em que escutamos o mesmo som em duas ou mais palavras cujas escritas são diferentes – por exemplo, em francês, *des, deux* e *d'eux*⁴ –, revelando-se, nessa escuta, o caráter de jogo.

Lalíngua (lalangue), os antigos, após Esopo, tinham muito bem se apercebido que era absolutamente capital. Existe em relação a isto uma fábula bem conhecida, mas que ninguém se apercebe, que não é de jeito nenhum por acaso que na lalíngua (lalangue) qualquer que ela seja e da qual alguém recebeu a primeira impressão, uma palavra é equívoca. Não é certamente por acaso que a palavra *ne*⁵ se pronúncia de uma maneira equívoca com a palavra *noeud*⁶. Não é de modo algum por acaso que a palavra *pas* que em francês redobra a negação, ao contrário de muitas línguas, designa também um *pas*⁷. Isto não quer dizer que a língua constitua de alguma maneira um patrimônio. É inteiramente certo que é na maneira pela qual foi falada e também entendida por tal e tal pessoa, na sua particularidade, que alguma coisa em seguida sairá de novo em sonhos, em todas as hesitações (vacilos, enganos), em toda maneira de dizer. (LACAN, 1985b: 5, tradução nossa)

Assim, ao escutarmos a maneira como esse autor joga com as palavras, trazendo à tona sua dimensão homofônica, somos capturados pela literalidade sonora dos significantes, pelos jogos de escritura *ou jogos de ressonâncias*⁸ que nos testemunham a atividade de *lalíngua* que "nos afeta primeiro por tudo que ela comporta como efeitos que são afetos." (Lacan, 1985a: 190)

Convocamos ainda Lacan, em *Lituraterra* (2003), para quem a letra faz borda ao buraco e, como tal, articula esse buraco à superfície do solo; daí o nome *litoral* por fazer limite, ligando dois territórios diferentes. Convém notar que a letra, ao bordear o real do furo, do buraco, possui uma dimensão imaginária, fazendo valer, portanto, o nó entre real, simbólico e imaginário, conforme a concepção lacaniana. Assim, o que tem de imaginário na letra como precipitado do significante, aquilo que torna possível alguma representação, toca necessariamente um real, isto é um impossível de se representar.

⁴ Dos, dois, deles.

⁵ Primeira partícula de negação da língua francesa, que se realiza com o *ne* antes do verbo e o *pas* após.

⁶ Nó.

⁷ Passo.

⁸ Expressão usada por Lemos, C.T. (2014).

3. *Lalíngua* e fala infantil: sobre a escuta do investigador

Na perspectiva assumida, é hora então de colocar uma pergunta: *seria possível importar esse deslocamento da escuta psicanalítica na clínica – de que fala Harari: saber jogar com a escritura – para a escuta do investigador para a fala infantil inicial, em sua investigação da trajetória linguística da criança?*

Teria que ser negativa uma resposta a essa indagação, na medida em que estamos diante de duas posições diferentes: a posição assumida pelo clínico e aquela assumida pelo investigador, diferença que se sustenta, no mínimo, por se constituir a primeira como uma relação marcada pela condição de transferência entre analisando e analista, em um enquadre clínico, condição que a especifica.

Retomando, entretanto, o que foi colocado no início, reformulo a pergunta nestes termos: *do deslocamento da interpretação na clínica psicanalítica, poderiam ser tiradas consequências para a escuta do investigador em aquisição de linguagem?*

Em relação a essa pergunta, assumo o risco de responder que sim: do deslocamento da interpretação na clínica psicanalítica, consequências poderiam ser tiradas para a investigação da fala infantil, sob a condição de que o investigador nela se incluísse, ou melhor, sob a condição de que o investigador não ocupasse uma posição exterior, isto é, uma posição de intérprete/observador dessa fala concebida como seu objeto de estudo. Dizendo de outro modo, na medida em que a noção de *captura* tivesse sido assumida como noção chave, ela não poderia se restringir à criança, mas abarcaria inevitavelmente, o outro/falante (nele, incluído o investigador). Seria, portanto, não um investigador que observa, na fala infantil, uma criança capturada por *lalíngua*, num momento inicial de seu percurso linguístico, mas, seria um investigador também capturado por *lalíngua*, pela literalidade sonora do significante. Em outras palavras, um sujeito que é surpreendido pelo retorno de *lalíngua* em sua escuta para a fala da criança, retorno que, em sua condição de falante, seria apreendido através das rupturas de seus significantes.

Quando falamos em *retorno*, baseamo-nos em Lemos, M.T. (2002) que concebe o efeito de enigma ou efeito de estranhamento provocado pela fala da criança, com fundamento na experiência do *estranho* (Freud, 1996 [1919], como o retorno, no sujeito, de uma combinatória, ainda que esquecida, da língua. Nesse sentido, poderíamos falar de um retorno, no investigador, de *lalíngua* que fora esquecida sob os significantes da língua, embora esta (a língua) seja sustentada por aquela (a *lalíngua*). Assim, a fala infantil provoca esse retorno na escuta do sujeito que, ao se surpreender, mostra-se como sujeito do inconsciente.

Para ilustrar, referimo-nos a fragmentos verbais⁹ de uma criança que, aos 15 meses, repete constantemente o segmento *Ca* o qual aparece nas manifestações verbais: *Ca papá*, *Ca vovô*, *Ca vovó*, *Ca titi*, provavelmente como restos (sonoros) de cenas anteriores em que os pais mostram os carros, dizendo: *carro de papai*, *carro de vovô* etc, segundo a noção de *espelhamento* de Lemos, C.T. (2002), num momento inicial da trajetória linguística da criança. Em uma determinada ocasião, na casa dos avós, o avô mostra à criança um quadro pendurado na parede, pronunciando pausadamente: *quadro*. A criança repete *Ca* e, imediatamente depois diz: *Ca vovó*, *Ca papá*, provavelmente, aproximando, com base em uma semelhança sonora, *quadro* e *carro*. Em um outro momento, pegando o colar da avó, que estava sobre uma mesa, a criança diz: *Ca vovó*, produzindo imediatamente depois: *Ca vovô*. A avó refuta, dizendo: *homem não usa colar; quem usa é mulher*. Simultaneamente à fala da avó, o menino verbaliza: *ca papá*, *ca titi*.

É importante destacar que, de início, o *Ca* (*Ca papá*, *Ca vovô*, *Ca vovó*, *Ca titi*) foi escutado pelo investigador como um significante (*carro*), ou seja, como um fragmento de *carro* que corresponde a esse significante, tendo se surpreendido, posteriormente, não apenas porque a criança produziu *Ca* ao escutar *quadro* e diante do colar da avó, mas, sobretudo, porque essa produção (*Ca*), num caso e noutro, foi seguida por expressões, como: *Ca papá*; *Ca vovó* ou *Ca titi*. Desse modo, o *Ca* – de *carro* – teria ressoado em *quadro* e *colar*, ou seja, esse segmento deslizou pelos três grupos sonoros (*carro*, *quadro*, *colar*) que se aproximaram/se associaram, na escuta da criança, em virtude de alguma semelhança sonora entre eles, constituindo um jogo de escritura ou um jogo de ressonância que capturou o investigador, surpreendendo-o.

Assim, nesse jogo, a associação entre os três grupos sonoros escutados pela criança colocou em segundo plano os significantes (*carro*, *quadro* e *colar*), com seus respectivos sentidos, podendo-se indicar uma dominância do som, nesse momento.

Perguntamos se esse *jogo de ressonância que captura o sujeito/investigador que o escuta não teria provocado fraturas, rupturas em seus significantes*. Essa ruptura se torna mais visível e surpreendente em *colar*, na medida em que os elementos fônicos de *ca* [ka], ao se distribuírem em *colar*, quebram sua consecutividade temporal, sua linearidade, uma vez que se encontram separados por dois segmentos fônicos ([o] e [l]).

Ao que parece, a maneira pela qual essa captura poderia acontecer, no investigador, passaria pela questão da *ruptura*,

⁹ Remetemos a "Autor" (2015).

marcando, assim, o efeito da concepção de sujeito do inconsciente sobre a escuta do investigador e apontando para a seguinte questão: *o deslocamento do investigador provocado pelo deslocamento da interpretação psicanalítica, não o lançaria nessa escuta da ruptura?* Formulando com outras palavras: *o efeito provocado no investigador pela ruptura que a fala da criança provoca nos significantes da fala do outro, fraturando, dissolvendo esses significantes, não produziria um deslocamento da interpretação na investigação da aquisição de linguagem? Não seria o investigador capturado por essa ruptura, ou melhor, não seria capturado pela surpresa que a ruptura provoca ao dissolver os significantes? E ainda: não seria nesse caráter de surpresa que, de forma evanescente, mostra-se um investigador afetado pela psicanálise?*

4. Ainda algumas palavras

Relembremos que estamos falando da surpresa que advém, quando, pelos jogos de ressonância, ou seja, pelo *ato de jogar com a escritura*, vem à tona a condição incontornável de que uma palavra contém a possibilidade de outras palavras, em virtude de sua literalidade sonora, isto é, mostra-se a condição incontornável da *lalíngua* como aquilo que suporta a estrutura da língua, na proposta lacaniana, condição que aparece através de furos nessa estrutura.

A fim de abordar essa questão, volto à citação de Lacan (2003) em *Lituraterra*, para recortar que “o semblante por excelência, se é de sua ruptura que chove, efeito em que isso se precipita, o que era matéria em suspensão”. Destaco então que a letra aparece através de uma ruptura e formulo mais uma indagação: *seria possível conceber a fala da criança como letra que se precipita de uma ruptura do significante, isto é, do semblante?*

Retomemos a noção de semblante, na proposta lacaniana, como aquilo que oculta uma verdade¹⁰, considerando essa verdade¹¹ como decorrente de um *não saber*, ou melhor, de um *saber que não se sabe*. Lembremos também que, com base nessa proposta, *saber* e *não saber* não se separam, ou melhor, um não poderia existir sem o outro, posto que o *saber* seria efeito do *não saber* o qual somente poderia se revelar através das rupturas do semblante, do *saber*.

Para finalizar, poderia se dizer, neste caso, que o investigador seria capturado pelos jogos de ressonância na fala infantil. Nessa

¹⁰ Letícia P. Fonseca, em nota para sua tradução da lição I do *Saber do Psicanalista* (Lacan, 2001: 26), afirma: “*Semblant* é um termo que não coincide com o nosso *semblante*. Em português, tem o sentido de rosto, fisionomia, aspecto. A expressão *faire semblant de* não encontra correspondência em nosso idioma, e o seu sentido é ‘tapear’, ‘fingir’, ‘fazer como se’.”

¹¹ Não entramos na discussão que concerne à relação entre *saber* e *verdade*, na perspectiva lacaniana. Para isso, remetemos a Lacan (1985a) e a Porge (2006).

perspectiva, a fala da criança como letra se precipitaria das rupturas dos significantes do investigador, de seu discurso, de suas hipóteses, enfim, das rupturas daquilo que lhe faz semblante, nessa sua escuta para a fala da criança. Isso significa que a precipitação da letra ocorreria na relação entre a fala da criança e a fala do outro (incluindo, nesse outro, o investigador). Seria a escuta da letra através do furo no significante, ou melhor, seria a escuta daquilo que faz borda a esse furo que, em sua dimensão imaginária, pode-se traduzir pela escuta dos jogos de ressonância.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

- CHEMAMA, R. *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- FRANCIA, A.V. La "función simbólica" o la clínica psicoanalítica a partir de Ferdinand de Saussure. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 52(1): 11-21, 2010.
- FREUD, S. O estranho. *Edição Standard das Obras Completas de Freud*, v. XVII, Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1919].
- LACAN, J. Seminário 1971-1972: *O saber do psicanalista*. Publicação para circulação interna. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 1975.
- _____. Seminário 20: *Mais ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985a.
- _____. Conférence à Geneve sur le symptom, 1975. In: *Le Blocnotes de la psychanalyse*, n. 5, Genf, 1985b. Disponível em: <http://www.ecole-lacanienne.net/>. Acesso em: 15-06-2015.
- _____. Seminário 17: *O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- LEBRUN, J.P. *Un monde sans limite: essai pour une clinique psychanalytique du social*. Ramonville Saint-Agne: Editions Erès, 1997.
- LEMOS, C.T. *Saber a língua e o saber da língua*. Aula magna proferida no IEL/ UNICAMP, 1991. (publicação interna).
- _____. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação, *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, 42: 41-69, 2002.
- _____. *Lalíngua: Acontecimento e transmissão*. Colóquio ENCORE. Association Psychanalytique ENCORE-Centro de Pesquisa OUTRARTE-IEL-UNICAMP, São Paulo-Brasil, 13-14 abril, 2014.
- LEMOS, M.T. *A língua que me falta: uma análise dos estudos em Aquisição da Linguagem*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- _____. O sujeito imprevisto. In: LIER-DE VITTO, M.F. e ARANTES, L. (orgs.) *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2006: 57-62.
- _____. Joyce, o intragável. In: LEITE, N.V.A.; TROCOLI, F. *Giros da interpretação: o enigma na literatura e na interpretação*. Campinas: Mercado de Letras. 2015: 185-196.

CARVALHO, Glória Maria Monteiro de. Questões sobre o investigador da trajetória linguística da criança. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 58-70, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

LEITE, N.V.A. A transmissão so-letrada, In: LIER-DE VITTO, M.F. e ARANTES, L. (orgs.) *Faces da escrita: linguagem, clínica, escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2011: 159-166.

LIER-DE VITTO, M.F.; CARVALHO, G. O Interacionismo: uma teorização sobre a aquisição da linguagem. In: QUADROS, R.M.; FINGER, I. *Teorias de aquisição da linguagem*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008: 115-146.

MELMAN, C. (1996) A interpretação. In: KAUFMANN, P. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

MILNER, J.C. Linguistique et psychanalyse. In: *Encyclopædia Universalis* (1995). Disponível

em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/linguistique-et-psychanalyse/>. Acesso em: 06-05-2016.

_____. *O amor da língua*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

PORGE, E. *Jacques Lacan, um psicanalista: percurso de um ensino*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

SOUZA, A. *Os discursos na psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.